

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
PROFISSIONAL

JULIANA KUMMER PERINAZZO FERREIRA

RELATÓRIO DE PESQUISA DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO:
ENFRENTANDO O SILENCIAMENTO:
as mulheres no ensino de História

CATALÃO – GO
2016

JULIANA KUMMER PERINAZZO FERREIRA

**RELATÓRIO DE PESQUISA DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO:
ENFRENTANDO O SILENCIAMENTO:
as mulheres no ensino de História**

Relatório técnico apresentado à Universidade Federal de Goiás – Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Regional de Catalão, sob à orientação da Prof^a Dr^a Lilian Marta Grisolio, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História Social.

Linha 2: História, Sociedade e Práticas Educativas

CATALÃO - GO

2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

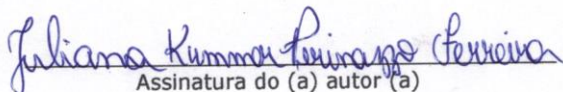
Nome completo do autor: JULIANA KUMMER PERINAZZO FERREIRA

Título do trabalho: ENFRENTANDO O SILENCIAMENTO: as mulheres no ensino de História.

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do (a) autor (a)

Data: 25 / 10 / 2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

JULIANA KUMMER PERINAZZO FERREIRA

**RELATÓRIO DE PESQUISA DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO:
ENFRENTANDO O SILENCIAMENTO:
as mulheres no ensino de História**

Relatório técnico apresentado à Universidade Federal de Goiás – Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Regional de Catalão, sob à orientação da Prof^a Dr^a Lilian Marta Grisolio, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História Social.

Linha 2: História, Sociedade e Práticas Educativas

CATALÃO - GO

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

FERREIRA, Juliana Kummer Perinazzo
ENFRENTANDO O SILENCIAMENTO: [manuscrito] : as mulheres no ensino de história. / Juliana Kummer Perinazzo FERREIRA. - 2016. CXXXVII, 137 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Lilian Marta GRISOLIO.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2016. Bibliografia. Apêndice.

1. Material didático. . 2. Ensino de História. . 3. História das Mulheres.. I. GRISOLIO, Lilian Marta, orient. II. Título.

CDU 94



Ata de Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Mestrado

Defesa: nº 13

Aos vinte e cinco dias do mês de novembro de dois mil e dezesseis realizou-se, na sala 104 do Bloco L (Centro Integrado de Pesquisa), da Regional Catalão/UFG, a Defesa Pública do Trabalho de Conclusão de Mestrado intitulado “*Enfrentando o silenciamento: as mulheres no ensino de História*”, de autoria da mestranda Juliana Kummer Perinazzo Ferreira. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em História – nível Mestrado Profissional, e composta pelas docentes: Profa. Dra. Lilian Marta Grisolio, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Alcilene Cavalcante de Oliveira, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/Goiânia; Profa. Dra. Eliane Martins de Freitas, professora da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC. A sessão teve início às nove horas e trinta minutos, sendo presidida pela Professora Lilian Marta Grisolio que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, a Presidenta da sessão passou a palavra à discente que teve vinte minutos para apresentar o trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra às componentes da banca que tiveram cada uma, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre o trabalho apresentado, tendo a mestranda igual tempo para responder. Após o término da arguição, a Presidenta da sessão solicitou que a candidata e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse proceder sua avaliação. Após a conclusão dos trabalhos de avaliação, as arguidoras atribuíram o seguinte resultado: Aprovada. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos vinte e dois dias do mês de novembro de 2016.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Lilian Marta Grisolio (Orientadora/ UFG/RC)

Profa. Dra. Alcilene Cavalcante de Oliveira (UFG/Goiânia)

Profa. Dra. Eliane Martins de Freitas (UFG/RC/PPGH-MP)

AGRADECIMENTOS

Acredito que fazer os agradecimentos de um trabalho final seja uma tarefa bastante delicada, pois a quantidade de pessoas envolvidas para a elaboração de um material como este, direta ou indiretamente são inúmeras. E corre-se o risco, por um simples lapso, esquecer-se de alguém. Então, já de antemão, peço desculpas se, por ventura, esquecer-me de citar o nome de algumas pessoas.

Primeiramente, gostaria de agradecer a duas pessoas que foram essenciais durante todo o meu processo estudantil, os meus pais: Marino e Maria Zuleica. Com vocês aprendi que só alcançamos os nossos objetivos com muito esforço e dedicação.

Aos meus irmãos Daniela, Vanessa e Felipe, pelo carinho e força que tiveram para comigo nessa caminhada.

Ao meu esposo Jorcelino, e aos meus filhos João Vitor e Júlia Vitória, não só agradeço imensamente pelo amor e compreensão, mas também peço desculpas pelas ausências nesses dois anos.

Às/aos minhas/eus amigas/os do Ceja- Filostro Machado Carneiro e da Escola Municipal Valdir Arantes da Silva, pelo apoio, quando eu dizia: não vou passar no processo seletivo, vocês me incentivaram e deram a coragem de que eu necessitava. Em especial, a minha amiga professora Dr^a Vera Lúcia Augusto, muito obrigada por sua orientação e seu tempo dedicado a mim.

Àquelas pessoas que se tornaram mais que amigas/os, tornaram-se também responsáveis pelo trabalho que agora os apresento: Maria Estela, Viviane, Eriziane, Angélica, Luciene, Admilson, Isabel, Ana Cecília, Iusley, obrigada pelas ideias e considerações.

Às/aos professoras/ das disciplinas do curso, as/os doutoras/es: Luzia, Regma, Luis Carlos, Eliane e Lilian, obrigada pelos textos que levaram a discussões valiosíssimas e me fizeram repensar a minha prática.

E por último, mas, talvez, a pessoa mais importante dentre todo esse processo, minha orientadora a Professora Dr^a Lilian Marta Grisolio. Um muito obrigada, principalmente pelo desafio que me propôs, confeccionar um material didático, com o objetivo de *visibilizar* as mulheres no ensino de História. Esse desafio levou-me a uma reflexão profunda sobre o tipo de profissional que pretendo ser.

RESUMO

O presente relatório apresenta o processo percorrido na elaboração e confecção do *Caderno Temático* intitulado: *ENFRENTANDO O SILENCIAMENTO: as mulheres no ensino de História*, desenvolvido no Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Goiás, da Regional de Catalão. Esse material foi elaborado e confeccionado a partir da pesquisa sobre o tema da ausência das mulheres nos livros didáticos, o que provocou uma série de questionamentos e descobertas, gerando a percepção da necessidade em se elaborar um material didático, a partir da pesquisa, de apoio ao trabalho docente transformador e inovador. Dessa forma, buscou-se relacionar a teoria com a prática, e, assim, propor um material, resultado da pesquisa acadêmica, que fosse uma intervenção pedagógica nas aulas de História. Destaca-se que buscar uma educação transformadora é um dos elementos centrais nas produções teóricas das universidades, e realizar um trabalho que relacione as análises teóricas com a prática educacional vem estreitar essa relação *universidade x escola*, um diálogo extremamente essencial. Nesse processo utilizamos uma bibliografia diversa sobre ensino de História, consciência histórica, livros didáticos e outros recursos, a história das mulheres, o feminismo, entre outros temas fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Autores como Jörn Rüsen, Paulo Freire, Circe Bittencourt, Isabel Barca, Michelle Perrot, entre outros, foram importantes na fundamentação teórica para a construção do Caderno. Todo processo de confecção do relatório e do caderno foi acompanhado pela autocrítica de minha prática educativa, durante todos esses anos de ensino, na rede municipal e estadual em Goiás. O produto final desse relatório é resultado de uma busca obstinada pela promoção da igualdade e a equidade de gênero através do ensino de História.

Palavras-chave: Material didático. Ensino de História. História das Mulheres.

ABSTRACT

This report seeks to introduce the process of the elaboration and preparation of the Special Section entitled **FACING THE SILENCING: the women in the History teaching**, developed during a professional Master in History, at Federal University of Goiás, in the region of Catalao. This material was produced and prepared from the research about the topic “the women’s absence on textbooks”, which triggered a serie of questions and discoveries, creating the perception of the need for a textbook elaboration from the research, supporting the transformative and innovating teacher’s work. Therefore, we sought to associate theory into practice, and thereby, to propose a material that was a result of academic research, that was an educational intervention on the History classes. It is important to note that to seek a transformative education it’s one of the central elements in the academic’s theoretic production, and, to achieve a work that correlates the theoretic analysis with educational practice has developed close links with university x school, a extremely essencial dialogue. In this process we used a diverse bibliography about history teaching, historic conscience, textbooks and another resources, women’s history, feminism, among others fundamental issues to the research development. Author’s like Jörn Rüsen, Paulo Freire, Circe Bittencourt, Isabel Barca, Michelle Perrot, among others, were important for the theoretical fundaments for the developement of this report. The whole process of the report and Special Section development came together with a self criticism by my educational practice, through all of my teaching years in the city's and state municipal education system, in Goiás. The final product of this reports is a result of a insistent search for the gender’s equality promotion through History teaching.

Key Words: Didactic Material. History Teaching. Women’s History.

SUMÁRIO

Apresentação	109
1 Metodologia.....	114
2 Fundamentação Teórica.....	124
3 Considerações Finais.....	132
Referências Bibliográficas.....	135
Referências Sugeridas.....	138

APRESENTAÇÃO

O presente texto é um relato do processo percorrido na elaboração e confecção de um material didático intitulado *Enfrentando o silenciamento: as mulheres no ensino de História*. Material esse desenvolvido após as leituras e discussões feitas no curso do Programa de Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Goiás, na Regional de Catalão, no qual me encontro inserida.

O historiador Michel de Certeau (1925-1986), em seu livro *A Escrita da História*, nos explica que: “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (CERTEAU, 2002, p. 66). Sendo assim, a experiência de longa data como professora da disciplina de História na rede pública de Caldas Novas – Go trouxe-me várias indagações: o porquê de as mulheres, em sua grande maioria, não aparecerem nos livros didáticos de História? Seus feitos, nomes, grandes pensadoras, cientistas, mulheres atuantes, onde estão? Quando aparecem, é de uma forma deturpada e submissa em relação aos homens, sempre relegada ao segundo plano. Poucas vezes se destaca a participação feminina em vários momentos cruciais da História, mesmo sabendo que elas também foram protagonistas ou fundamentais naquele determinado episódio, nega-se o *papel* das mulheres como sujeito histórico.

A ironia perversa é que o magistério é composto, em sua grande maioria, por mulheres, desde o processo chamado de *feminização* do magistério no fim do século XIX. Quando, então, essa passou a ser considerada uma profissão exclusivamente feminina. É nessa temática, ligada à questão dos direitos das mulheres, da busca por sua visibilidade na História e da inserção de discussões do tema gênero nas escolas, através da confecção de um material didático, que reside esta proposta de pesquisa apresentada a vocês.

Como já mencionado, sou professora da rede pública de Goiás e, em meados do ano de 2014, encontrei-me inserida no Programa de Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal de Goiás, da Regional de Catalão. Minha proposta inicial era analisar como algumas mulheres, - essas que se destacavam em várias áreas-, eram vistas pela sociedade. Mas, na primeira conversa que tive com a minha orientadora, a professora Doutora Lilian Marta Grisolio, o projeto mostrou-se muito genérico e inviável de ser realizado. A ideia inicial, então, foi descartada. E, a partir daí, decidi pela análise dos livros didáticos de História da década de 1980, fazendo uma comparação com livros atuais. O objetivo era fazer um comparativo histórico, - de como as mulheres estariam representadas -, dentre os livros didáticos mais vendidos da década de 80, e os que eram utilizados por mim, nas duas escolas

de educação básica nas quais leciono, uma municipal e a outra estadual, na cidade de Caldas Novas - Go.

Após alguns meses de curso, tivemos a visita, no mestrado, da Professora Dr^a Júlia Matos, da FURG, do Rio Grande do Sul. E ela, em sua palestra, que se mostrou importantíssima, nos explicou sobre a oportunidade que existe nos mestrados profissionais de se elaborar um produto didático-pedagógico como trabalho final. Produto esse que pode ser, desde um material didático, um paradidático, relatórios de oficinas desenvolvidas e aplicadas nas escolas, etc.. Sendo assim, a professora Lilian propôs-me a elaboração de um material didático que valorizasse a participação feminina na História, ao invés de uma dissertação. Proposta essa que foi aceita, pois a vi como um desafio, já que, como professora, me indagava sobre a presença feminina nos livros didáticos e, principalmente, a forma como elas apareciam nesses materiais.

Com isso, parti para a leitura de diversas/os autoras/es que me auxiliaram nesse processo, em como pensar esse material, e mais precisamente na tentativa de como confeccionar um produto que fosse, ao mesmo tempo, de uso prático e que tivesse uma consistência, uma importância fundamental para a disciplina de História. E, além disso, um produto em que as/os professoras/es se *espehassem* como modelo para a realização de suas aulas.

Primeiramente, a professora Lilian e eu pensamos em um termo para nomear o material, o qual foi escolhido *Caderno Temático*. Esse foi usado no intuito de *fugir* de expressões como: apostila, guia, manual, porque acreditamos que termos como esses causam uma certa *aversão às/aos professoras/es*. E esse, não é o objetivo, a proposta aqui discutida e apresentada é que esse produto seja utilizado como um material prático e que sirva como um caminho a ser percorrido, na busca por novos métodos, meios e recursos para as aulas. Que ele seja visto como *um começo de mudança* para a disciplina de História.

Em segundo lugar, entendo que esse produto é um *material didático*, uma vez que, por mais que ele seja um objeto de difícil definição, como nos afirma a historiadora Circe Bittencourt, o livro didático:

Além de explicitar os conteúdos escolares, é um *suporte de métodos pedagógicos*, ao conter exercícios, atividades, sugestões de trabalhos individuais ou em grupo e de formas de avaliação do conteúdo escolar. Essa sua característica de associar conteúdo e método de ensino explica a sua importância na constituição da disciplina ou do saber escolar (BITTENCOURT, 2009, p. 302).

Com essa proposta, busco também discutir sobre educação inclusiva. Compreendo que essa expressão tem sido muito utilizada como um *jargão* por aquelas/es que defendem um processo de educação diferenciado para as pessoas com necessidades especiais. Mas, aqui, quero ressaltar que defendo uma educação que privilegie as minorias, – aqueles grupos que, há muito, foram excluídas/os da história, as/os negras/os, as/os pobres, as mulheres, as/os indígenas. Nesse caso, entendo que possibilitar condições para que ocorram essas discussões relacionadas à História das Mulheres, e que possam fomentar as discussões sobre gênero, nas escolas, é criar uma sociedade livre de práticas que desprivilegiam determinados grupos. É consolidar espaços educacionais que combatam a permanência e reprodução da discriminação e do preconceito, aqui, mais especificamente, as mulheres e a sua omissão na disciplina de História.

Compreendo, também, que o foco central da pesquisa é a História das Mulheres, mas acredito que, ao elaborar um material didático [sobre as mulheres], é possível oportunizar diversos debates sobre as desigualdades de gênero tão presentes em nossa sociedade. Acredito, ainda, que aquela/e profissional que busca uma educação de qualidade nunca ficará limitada/o ao que está sendo proposto e sempre buscará novas práticas e novos caminhos, de modo que as/os docentes poderão discutir sobre como essas concepções eram *dadas* em cada época; que tipo de imagem ainda permanece sobre elas; que conquistas foram alcançadas, e essas auxiliaram em quê, se permanece uma visão excludente, quais as mudanças e permanências estão relacionadas ao direito feminino. Enfim, poderá *criar* condições para que esse debate ocorra nas escolas.

Diante disso, destaco que buscar uma educação transformadora é um dos elementos centrais nas produções teóricas das universidades, e realizar um trabalho que relacione as análises teóricas com a prática educacional vem estreitar essa relação *universidade x escola*, um diálogo extremamente essencial.

Sendo assim os objetivos deste trabalho são: auxiliar na desconstrução de estereótipos construídos ao longo dos anos sobre as mulheres; além de desmistificar a imagem cristalizada delas como inferiores aos homens; discutir a forma como elas foram e são educadas, buscar com essas discussões a construção de uma sociedade sem desigualdades e sexismos; instrumentalizar e capacitar as/os professoras/es na elaboração de aulas com atividades diversificadas dentro da temática proposta. E, sob essa ótica, tenho como hipótese que a utilização do *Caderno Temático* pode auxiliar as alunas a se verem como também sujeitos e agentes, e aos alunos a perceberem as mulheres como também protagonistas de vários acontecimentos históricos. Assim, como afirma Jörn Rüsen:

“Aprender” significa, antes, uma forma elementar da vida, um modo fundamental da cultura, no qual a ciência se conforma, que se realiza por ela e que a influencia de forma marcante. O que se pode alcançar, aqui por intermédio da ciência, é enunciado pela expressão clássica “formação” (RÜSEN, 2007, p. 87).

Sendo assim, apresento para vocês não só o produto final do meu trabalho, que é o *Caderno Temático: Enfrentando o silenciamento: as mulheres no ensino de História*, mas também este relatório técnico no qual explicitarei todo o caminho percorrido. Sendo assim, este relatório está dividido em três partes: **Metodologia**, **Fundamentação Teórica** e **Considerações Finais**.

No item dedicado à **Metodologia**, expliquei todo o processo da confecção do *Caderno Temático*, desde as escolhas dos períodos históricos às leituras que fiz para destacar a importância assumida pelo livro didático na esfera educacional brasileira, e de como essas reflexões se fazem necessárias, já que ele se tornou o principal produto usado em sala de aula, e, em muitos casos, sem nenhum questionamento (FONSECA, 2006). Para isso faço uma análise rápida de como surgiu esse material, e de como ele chegou aqui no Brasil. Após, busquei autoras/es que pesquisaram e já publicaram trabalhos que relatam a forma como as mulheres aparecem ou não, do *silenciamento* nos livros didáticos, e do que isso interfere na vida dessas/es alunas/os, mantendo a visão de submissão feminina; a escolha do Ensino Médio para a confecção desse material, e da possibilidade de trabalho com outras disciplinas; além da forma como a estrutura desse material foi pensada com atividades diversificadas.

Na **Fundamentação Teórica**, busquei explicitar todo o conhecimento, discussões e debates, desde pesquisas relacionadas à teoria da História, da análise da prática educativa, das discussões sobre a História das Mulheres às análises sobre gênero das quais me apropriei para a elaboração desse material didático. Dentre algumas/ns autoras/es com quais dialoguei, encontra-se: Jörn Rüsen, Paulo Freire, Michelle Perrott, Joan Scott, entre outras/os. Procurei fundamentar todo o processo da construção do *Caderno Temático*, através das leituras e discussões que foram feitas durante as aulas e ao longo de sua elaboração.

Já na terceira parte desse relatório, nas **Considerações Finais**, procuro explicar as mudanças que a inserção em um mestrado profissional acarretou, e a importância disso para a minha prática como uma professora de História da Educação Básica. Levo em consideração todas as leituras e discussões feitas ao longo do curso, e o que elas suscitaram em mim.

Contudo, procuro demonstrar a minha tentativa na busca por uma mudança no ensino de História, sendo essa aspiração explicitada com a apresentação deste material.

1 METODOLOGIA

Através da leitura de diversas/os autoras/es, percebi que, por muito tempo, o ensino de História foi visto e ensinado nas escolas como um *depósito* de conhecimentos. As/os alunas/os deveriam *memorizar* aquele *saber* que era transferido pelas/os professoras/res. Uma/m boa/m profissional era aquela/e que conseguia terminar todo o conteúdo proposto pelo material didático. E, o pior, apesar de todos os avanços que já ocorreram na historiografia, na área de métodos e recursos, dentro do processo ensino-aprendizagem, ainda não conseguimos nos desvencilhar completamente desse modelo tradicional de ensino. E isso ocorre por diversos fatores: excessiva carga horária, preenchimento de papéis desnecessários, salas superlotadas, baixa remuneração, formação inadequada, condições precárias de trabalho, que levam também a um excessivo uso do livro didático, sendo o único recurso utilizado em diversos momentos nas salas de aula (ARAÚJO, 2006; BITTENCOURT, 2009, 2012; FONSECA, 2006; SILVA e FONSECA, 2011).

A partir de todas essas discussões, que, ao longo do relatório, serão explicitadas, aliadas a indagações pessoais e profissionais, a experiência como professora, mais o desafio proposto pela minha orientadora, fez-me seguir para a elaboração e confecção do *Caderno Temático*, um material diversificado que, como já mencionado, poderá ser visto como um *começo de mudança* para as aulas de História sobre a História das Mulheres.

Aqui, nesta seção, quero explicitar, detalhadamente, todo o processo percorrido para a elaboração do material, pois busquei utilizar diversos recursos, já que o meu intuito é fazer dele um material prático, mas não de menor importância.

Primeiramente, busquei autoras/es que analisaram a história do livro didático e o livro didático em si, como um produto que se tornou de extrema importância nas salas de aula de todo o Brasil (BAIRRO, 2011; BENTO, 2008; BITTENCOURT, 2009, 2012; FONSECA, 2006; FREITAS, PELETTI e SOUZA, 2011; MATOS, 2012; PANIAGO, 2013; SILVA, 2012). Isso para compreender o porquê de os livros didáticos serem produtos tão utilizados nas escolas e terem se tornado de importância fundamental para as/os professoras/es. E compreender ainda, de que forma essas questões afetam diretamente o ensino de História, já que aquilo que se encontra no livro como um conhecimento é visto e ensinado, muitas vezes, sem nenhuma discussão. Propomos refletir sobre como isso está relacionado ao que se ensina e à imagem que se tem das mulheres em nossa sociedade.

Através das leituras dessas/es autoras/es, percebi que a utilização exacerbada desse material é comum, e ela ocorre por diversos fatores.¹ De acordo com Selva Guimarães Fonseca: “[...] é, de fato, o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso à educação escolar” (FONSECA, 2006, p. 49). E devido a esse uso é: “[...] muitas vezes considerados os culpados pelas mazelas do ensino de História [...]” (BITTENCOURT, 2009, p. 300).

A história do livro remonta ao século XV, num período em que aprender era um privilégio de poucos e, com raríssimas exceções, de poucas. Com a Reforma Protestante e a Contrarreforma, surge um personagem, o bispo Jan Amos Comenius (1592- 1670), ele partiu de um princípio que era necessário ensinar *tudo a todas/os*. Para isso, era necessário baratear os custos da educação para que mais pessoas pudessem estudar. Uma das soluções encontrada por Comenius foi, então, a utilização do livro didático como um instrumento de simplificação do conhecimento. Um material que contivesse o conteúdo condensado e que pudesse ser utilizado por qualquer pessoa, não só por um mestre (FREITAS, PELETTI, SOUZA, 2011; PANIAGO, 2013).

Já no Brasil, a utilização desse material remonta ao Império, e era um ensino dedicado à elite. As cartilhas aqui utilizadas vinham *de fora*, eram materiais importados.² Já com relação ao ensino de História, Marco Antônio Silva, em *A Fetichização do Livro Didático no Brasil*, nos indica que: “No campo do Ensino de História, o livro de História do Brasil de Rocha Pombo, editado pela primeira vez em 1919, foi utilizado por várias gerações de alunos e professores até sua última edição em 1960” (SILVA, 2012, p. 809).

São inúmeras as pesquisas que são dedicadas aos materiais didáticos e à maneira como as mulheres aparecem e/ou são/estão representadas. Apesar dessas, que se desenvolveram no campo da historiografia, e de outras ciências ainda, permanece nos livros didáticos a visão das mulheres como subalternas aos homens. Para essa constatação, busquei as/os autoras/es que pesquisaram e já publicaram trabalhos sobre a forma como elas [as mulheres] aparecem nos livros didáticos, não só os de História, mas de outras disciplinas também (BRIGOLLA, FERREIRA, 2014; CASAGRANDE, CARVALHO, 2006; FERREIRA, 2005; MORAU, 2013; MORENO, 1999; SILVA, 2009; TEDESCHI, 2008). O intuito, nesse processo, era o de comprovar a necessidade de se elaborar um material didático que abarcasse essas questões.

¹ Apesar de ter citado acima alguns desses fatores, eles não serão discutidos aqui, pois não é a intenção dessa proposta de pesquisa.

² A imprensa só foi instituída no Brasil na vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil, já no governo de D. João VI, após 1808.

Apesar de ser um *produto* sobre mulheres, o meu objetivo não é *criar* uma sociedade estritamente feminina ou onde haja a valorização somente do feminino.

Concordo com Daniela Auad (2003), quando ela afirma que: “[...] o objetivo maior do feminismo é liberar tanto as mulheres quanto os homens para uma vida autêntica. [...] Assim, o feminismo busca que mulheres e homens compartilhem o poder na sociedade, e não que o poder seja apenas das mulheres” (AUAD, 2003, p. 14). Entendo que o feminismo é fundamental para todas/os em nossa sociedade, pois senão, continuar-se-á a defender a mesma sociedade sexista e segregacionista na qual vivemos.

O que ficou evidente para mim é que, apesar de todos os avanços relacionados às pesquisas nas universidades, ainda é evidente, nos livros didáticos, a imagem das mulheres como inferiores aos homens, isso quando ocorre menção a elas. Pois, em muitos casos, não são citadas como também agentes da história, ou, como, em muitas situações, são mencionadas em um boxe, no final do capítulo, destinado a sua participação naquele momento, como se fosse uma história separada.

Dentre essas/es autoras/es, citarei algumas considerações feitas por elas/es com relação à pesquisa nos livros didáticos. Brigolla e Ferreira (2014), em *A representação do gênero nos livros didáticos de Língua Inglesa*, advertem que:

Afinal, essa seção é predominantemente composta por pessoas do sexo masculino. Dos cinquenta e oito personagens, apenas treze são do sexo feminino. Há um personagem que não é possível fazer uma análise criteriosa, ainda assim, a porcentagem de homens é maior do que das mulheres. Estas, além de serem em minoria, possuem função secundária: enfermeira, vendedora de ingressos para o cinema e caixa do banco, e pessoas comuns. Os homens, por sua vez, possuem papéis diversos: em quatro ilustrações, eles aparecem fazendo atividades, como ler ou praticando esporte; fato que não se aplica a nenhuma personagem mulher nestas imagens. Os homens ocupam também os ofícios de vendedor, médico, ou ilustração em vitrine ou livro e pessoas comuns, figurantes. [...]

De acordo com as análises, pode-se concluir que ainda há uma dissonância entre as ocupações que a mulher tinha e as que ela adquiriu e vem conquistando. Além disso, ao falar da mulher referimo-nos também ao homem e o reflexo de concepções cristalizadas, socialmente, propaga-se em ambas as representações: o homem branco que trabalha e a mulher na cozinha ou em empregos secundários (BRIGOLLA e FERREIRA, 2014, p.09-11).

Casagrande e Carvalho (2006), em *Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de matemática*, afirmam que:

De um modo geral pode-se concluir que os gêneros são representados de forma diferenciada nos livros analisados. A representação de meninos é mais frequente que a de meninas. Eles são representados em situações mais diversas que elas. São mais autônomos, tem mais iniciativa, além de serem aventureiros. Ao representar os gêneros de forma distinta e desigual, os livros didáticos podem contribuir para a construção e manutenção de outras desigualdades sociais. Contribuem também para a socialização diferenciada de meninos e meninas (CASAGRANDE e CARVALHO, 2006, p.14).

Gilvan Ventura da Silva (2009), em *Prisioneiras do esquecimento: a representação das mulheres nos livros didáticos de História*, destaca:

[...] ausência quase que absoluta, nas páginas dos livros didáticos, de referência explícita às mulheres. [...] a inserção da História das Mulheres é feita, vez por outra, por intermédio de leituras complementares que abordam o cotidiano feminino em algumas sociedades. [...] ou a participação feminina nos processos históricos é simplesmente ignorada ou a mulher é tratada de modo acessório e episódico, em textos “especialmente” selecionados para de quando em quando lembrar aos alunos que as mulheres também fazem parte da história vivida e ensinada (SILVA, 2009, p. 58).

E a autora Montserrat Moreno, em seu livro *Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola*, assinala:

A mulher é a grande ausente nos textos escolares de história. Sua ausência faz-se patente tanto nas descrições das façanhas bélicas como nos escassos momentos em que se fala da organização social. Tudo isso nos indica que a mulher foi intensamente desconsiderada ao longo da história e que os livros de texto continuam desconsiderando-na, em uma desesperada tentativa de deter o passar do tempo (MORENO, 1999, p.57-58).

Confirma-se, então, que, apesar das pesquisas, essas ainda *não chegaram* nos livros didáticos. Nega-se a participação feminina como sujeitos históricos, comprovando a resistência em se incorporar os estudos, não só da História das Mulheres, mas também as discussões sobre gênero nas salas de aula. Reafirmando a possibilidade de mudança através da elaboração de um material diversificado.

Então, para a elaboração e confecção do *Caderno Temático: Enfrentando o silenciamento: as mulheres no ensino de História*, defini algumas questões. Primeiramente, devido à natureza deste trabalho e do tempo limitado, seria inviável organizar um material que abarcasse todo o conteúdo que é ministrado nessa disciplina nas escolas. *Toda a História* aqui é impossível e esbarra, principalmente, no quesito tempo. Sendo assim, como as Referências Curriculares da Rede de Educação do Estado de Goiás segue a divisão quadripartite francesa

da História³, escolhi, a partir dessa divisão, indicar um tema para cada série do Ensino Médio e um destinado especificamente à História de Goiás.

A escolha, tanto do Ensino Médio quanto dos temas para cada série, – que serão relacionados abaixo-, deu-se mais por questões pessoais e profissionais aliadas à experiência docente. Entendo que as/os estudantes dessa faixa etária detêm uma maturidade *mais aguçada* para debater e compreender determinadas questões. Existe ainda uma *abertura* maior nessa idade para a realização dos debates, que poderão ser levantados com a realização das atividades do material. Além do que, nessa fase, elas/es começam também a se preocupar com outras questões como: relacionamentos, trabalho e profissão. E, essas discussões poderão ser complementadas com outras disciplinas da área de Humanas, como a Filosofia e a Sociologia, - disciplinas essas que, na rede pública, só são oferecidas no Ensino Médio. Apesar de ser um material didático destinado à disciplina de História, a proposta é que ele possa ser aplicado e utilizado por aquela/e docente que se interesse em discutir esses temas.

Com relação à escolha das temáticas: para a 1ª série, **As Mulheres na Renascença**; para a 2ª série, **As Mulheres na Revolução Francesa**; para a 3ª série, **A atuação das Mulheres na Ditadura Civil-Militar no Brasil**; e, para finalizar, um item destinado à história regional, **As Mulheres Goianas: santa Dica e Cora Coralina**.

Como já mencionado, a escolha dos referidos temas para a elaboração do *Caderno Temático* deu-se por indagações pessoais e profissionais. Essas questões se deram também devido à percepção, - através da prática do magistério-, da *não* presença feminina nos livros didáticos de História, ou de sua estereotipação.

No caso dos dois primeiros momentos históricos, **Renascença e Revolução Francesa**, parti do princípio de que são períodos considerados de extrema importância para a História e a formação da cultura ocidental. Com relação à Renascença, é considerado um momento de altíssima produção de conhecimentos nas artes, literatura e nas ciências, em geral. E esses são produtos tratados somente como produção masculina. Nesse caso, é aí que reside a indagação, o porquê, em meio toda a produção renascentista, não encontramos as mulheres? Não existiu nenhuma mulher, nesse período, que produziu alguma obra? Ou escreveu versos e poemas? Elas não produziam, não participaram da História? Em que lugares elas se encontravam? Por que toda a produção desse período é vista como uma produção masculina?

³ De acordo com a divisão clássica e tradicional, a chamada divisão quadripartite francesa, a História da humanidade está dividida em quatro períodos: a Antiguidade, a Idade Média, a Idade Moderna e a Idade Contemporânea, sem falar na Pré-História. Essa divisão, há muito, já vem sendo criticada e questionada por diversos pesquisadores, pois ela privilegia somente as experiências vistas pelo olhar dos povos europeus. Apesar de ser uma divisão linear, e de estar sendo citada no texto, a nossa intenção aqui não é questioná-la, dado que não faz parte do objeto de estudo aqui proposto.

Já no **processo revolucionário francês**, ficou evidente a questão dos ideais revolucionários de igualdade, liberdade e fraternidade. Ideais esses que influenciaram diversos movimentos e revoluções pelo mundo, inclusive no Brasil. Porém, quando se faz uma análise da questão feminina dentro desse processo de revolução, percebo que esses ideais não eram tão igualitários assim. E, que as mulheres perceberam essas divergências da teoria e da prática e buscaram, de diversas formas, fazer com que os seus direitos fossem respeitados, - em vão, em muitos casos, mas lutaram. E, me questiono, por que os nomes, ou até mesmo, os feitos das mulheres que participaram ativamente durante todo esse período não aparecem nos livros didáticos? Por que o destaque que se *dá* é o nome de Maria Antonieta, a rainha *fútil*, que foi guilhotinada, ou Charlotte Corday, a mulher que assassinou a facadas Jean-Paul Marat? Mais uma vez, onde estavam as mulheres francesas? As mesmas que saíram às ruas contra o aumento do pão e de outros gêneros alimentícios durante *A Marcha para Versalhes*.

Na terceira parte, em **A atuação das Mulheres na Ditadura Civil-Militar no Brasil**, a escolha do referido tema deu-se, primeiro, por ser um momento histórico mais recente, e que causou muitos traumas na História da sociedade brasileira. Em segundo lugar, o fato de o Brasil ter elegido uma mulher como presidenta, e essa ter participado junto com outras mulheres na luta contra a ditadura, chamou-me muito atenção. Além da percepção como professora, de que essas mulheres também não se encontram presentes nos livros didáticos. Como se elas, simplesmente, não tivessem participado e como se a luta contra a ditadura, fosse um movimento exclusivamente masculino, sendo que nem aquelas que mais se destacaram no processo são lembradas nesses materiais. Nomes como Carlos Lamarca e Carlos Mariguella são os únicos citados.

E por último, em: **As mulheres goianas: santa Dica e Cora Coralina**, entendo que não foram só as duas que tiveram uma participação importante e ativa na história de Goiás. Devido também ao quesito tempo, não poderia abranger muito essa temática e fazer uma escolha por mais mulheres, apesar de saber que várias merecem esse destaque. Então optei por duas que representariam duas áreas importantes e, ao mesmo tempo, *diferentes* dentro da história goiana. No caso do movimento de *santa Dica*, a escolha se deu por ser considerado o último movimento messiânico do Brasil, e um dos poucos liderados por uma mulher, além do que, nas referências curriculares de Goiás, um dos poucos nomes citados e lembrados é o de Dica. Este está ligado à questão da terra e ao coronelismo, e não há menção de sua importância do momento por ela ser mulher. Agora, o que mais me chamou atenção é que, quando cursei a graduação de Licenciatura Plena em História (1997-2000), pela Universidade Estadual de Goiás, na cidade de Morrinhos, na disciplina História de Goiás, na época, não

houve nenhuma menção sobre ela. Só ouvi falar em Benedita Cipriano Gomes, no curso de especialização, e, a partir daí, adquiri uma curiosidade muito grande por sua história e procuro não deixar passar *em branco* esse momento da história goiana. E, mais uma vez, me pergunto, por que essa valorização extrema do que é masculino?

No que tange à Cora Coralina, além da possibilidade de se trabalhar a interdisciplinaridade Literatura e História, optei por escolher a autora porque a sua história de vida chamou-me muito atenção. Escritora desde os quatorze anos de idade, mas tendo conseguido publicar seu primeiro livro apenas aos setenta e seis anos, tendo, enfim, o reconhecimento como uma grande poeta e cronista, chegando somente aos noventa, através de uma publicação feita a um jornal pelo escritor Carlos Drummond de Andrade. Essas questões suscitaram em mim o desejo de que as/os alunas/os conhecessem e valorizassem a sua história e o seu trabalho, que está entre as/os das /dos maiores escritoras/es brasileiras/os.

Para a elaboração do *Caderno Temático*, recorri a uma intensa pesquisa bibliográfica relacionada, precisamente, às mulheres. Para tanto, havia a necessidade de *descobrir* as produções acadêmicas relacionadas à história das mulheres dos momentos históricos escolhidos. Sendo assim, a pesquisa se deu, basicamente, na *internet*, em *sites* de universidades, revistas eletrônicas, anais de eventos e, em livros, sendo alguns destes publicações de dissertações. O objetivo, com isso, era o de fazer uma *ponte* entre aquilo que é produzido nas universidades e aquele conhecimento produzido nas escolas, aliado à experiência e prática como professora, conhecimentos esses que são denominados de *saberes docentes* (BITTENCOURT, 2009, p. 51).

Além de fazer essa *ponte*, o intuito era também de que essas pesquisas, - utilizadas para a elaboração e confecção do material-, realizadas nas universidades, conferissem um caráter de credibilidade e confiabilidade no *Caderno Temático*, tendo em vista que o que foi utilizado, em sua grande maioria, está relacionado à produção acadêmica que pesquisadoras/es produziram sobre as mulheres. Ademais, no material, sugiro como leitura para as/os professoras/as, todo esse material que utilizei em cada momento.

Com relação ao *layout*, montei a estrutura desta forma: a primeira parte é um diálogo aberto com as/os professoras/es, em que falo da tentativa de se elaborar um produto, pensando nas dificuldades encontradas por todas/os, problemas esses que interferem na elaboração de aulas mais dinâmicas; em um segundo momento, parti para a apresentação do *Caderno Temático*, explicitando o porquê da escolha pela elaboração de um material didático, da inserção em um Mestrado Profissional em História e da possibilidade em elaborar um produto final diversificado, e, principalmente, da forma como está estruturado e como utilizá-lo na

tentativa de ser um material de uso prático, além de citar as referências bibliográficas utilizadas para a elaboração do material.

A apresentação das temáticas manteve a ordem cronológica dos acontecimentos, com exceção da última parte, dedicada à História de Goiás, optei por esse formato porque acredito que seja mais prático para localizar o tema proposto, já que, de acordo com as referências curriculares, seguimos a divisão quadripartite francesa. Para cada item proposto, dividi em: **Para refletir:** sendo uma breve contextualização de como as mulheres eram vistas naquela época, sendo que as/es professoras/es poderão utilizar desse texto para iniciar as discussões e debates em sala, analisando as mudanças e permanências que ocorreram na sociedade. A partir daí, estabeleci uma *sessão* intitulada: **Vamos trabalhar?**, sendo essa subdividida com várias propostas de atividades diversificadas, separadas em alguns itens como: *Olhares atentos!* Atividades com imagens; *Tá ligado?* Atividades com fontes escritas; *Em cena!* atividades com filmes e documentários; e por último, *Mãos à obra!* Uma proposta de atividade diversificada com a participação das/os alunas/os, e a ideia é que seja realizada em grupo, para estimular a participação e a socialização delas/es.

Todos esses recursos e métodos utilizados foram no objetivo de pensar uma metodologia que instigasse as/os alunas/os a refletirem sobre a temática *As Mulheres no Ensino de História*. Busquei, com isso, auxiliar na formação de uma consciência histórica, já que, de acordo com Jörn Rüsen (2007), essa consciência histórica deve ter uma orientação para a vida prática. Sei que apenas um material didático não resolverá o problema do ensino de História, mas acredito que refletir sobre essas questões nas escolas é um começo, podendo possibilitar uma mudança na sociedade, principalmente, no que se refere à valorização do feminino.

Ressalta Luís Fernando Cerri, em *Ensino de História e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*: “Dizendo de outro modo, entende-se aqui que ‘pensar historicamente’ é a capacidade de beneficiar-se das características do raciocínio da ciência histórica para pensar a vida prática” (CERRI, 2011, p. 61).

Além da análise dessas questões, parti também do princípio das/os professoras/res como medidoras/res do conhecimento, dentro de uma perspectiva freiriana, em que as/os docentes estarão em constante formação, sendo elas/es personagens imprescindíveis no processo de transformação da sociedade. Segundo Freire o processo de formação não ocorre isolado:

[...] pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar (FREIRE, 1996, p.12).

Além disso, das atividades propostas, indiquei, no *corpo* do trabalho, várias sugestões de leituras próprias para as/os professoras/es sobre aquele determinado período ou personagem em destaque, além da bibliografia específica para cada tema.

Gostaria de evidenciar que a confecção de um material didático não é tão simples assim, uma vez que, para cada recurso pedagógico utilizado, – imagens, textos, documentários e filmes, - houve a necessidade de uma pesquisa intensa, além do aprendizado e a apropriação de técnicas e métodos específicos de como utilizar cada recurso em sala de aula. Para tanto contei com a ajuda de autoras/es como: Circe Bittencourt (2009) e Marcos Napolitano (2006).

Como já dito, o público alvo são professoras/es do Ensino Médio, que se interessem em utilizar o material e que se proponham a *abandonar* um pouco o uso do livro didático em sala de aula. Concordando com Júlia Matos:

[...] no processo ensino-aprendizagem o livro didático pode ser um instrumento contributivo, desde que o professor o perceba como um produto da sociedade de consumo e o utilize dentro de seus limites apenas como um recurso e não como um meio pelo qual o ensino-aprendizagem se realiza (MATOS, 2012, p. 183).

Como afirma Circe Bittencourt: “O professor é quem transforma o *saber a ser ensinado* em *saber apreendido*, ação fundamental no processo de produção de conhecimento” (BITTENCOURT, 2009, p. 51).

Visibilizar as mulheres – e vários outros grupos-, através de uma mudança de comportamentos e atitudes é também *papel* das/os professoras/es. Veja-se que as mulheres não foram submissas e nem passivas, como nos afirma Michelle Perrot:

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos (PERROT, 2001, p. 2012).

E, finalmente, minha intenção, ao elaborar o *Caderno Temático*, é a de desempenhar o meu papel de formadora de uma consciência histórica, formadora de cidadãos críticos que se

percebem no mundo como sujeitos atuantes em uma sociedade que carece ainda de muita transformação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como mencionado na apresentação deste relatório, o *Caderno Temático* intitulado: *Enfrentando o silenciamento: as mulheres no ensino de História*, é resultado de todo um caminho percorrido no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal de Goiás, da Regional de Catalão, em Goiás. E a presente fundamentação teórica visa elucidar as ideias e os conceitos utilizados na confecção desse material, que, aos poucos, foram surgindo de acordo com as leituras e discussões feitas ao longo de todo o curso. Todas elas com base na reflexão de algumas questões primordiais: em que esses conceitos me auxiliariam em minha prática como professora de História da educação básica? Como eu poderia auxiliar as/os minhas/eus alunas/os a se tornarem cidadã/ãos conscientes de seus direitos e deveres? Como a produção de um material didático auxiliaria as minhas alunas a se perceberem como sujeitos históricos? Como isso auxiliaria os meus alunos a perceberem e a respeitarem suas colegas como também protagonistas da História?

Partindo dessas questões, outras foram surgindo, ao longo de todo o processo, e aos poucos, através da pesquisa e análise das fontes, busquei as respostas para as minhas indagações. E, estas, auxiliaram-me não só na construção do material didático apresentado, mas, principalmente, em uma autocrítica em relação ao meu trabalho como professora, já que todas as discussões e reflexões propostas pelo curso, e também as que fiz para confeccionar o meu produto final, levaram-me a questionar a minha prática educativa e as minhas concepções teórico metodológicas, acerca, principalmente, do *por que ensinar* e *como ensinar* História.

A oportunidade de inserir-me em um mestrado profissional levou-me a discutir ideias de diversas/os autoras/es. Dentre eles: o processo ensino-aprendizagem aliado à prática docente, a conceitos relacionados à consciência histórica dentro das concepções do teórico alemão Jörn Rüsen (2007, 2010); relacionando-o com a prática educativa como uma prática formadora e libertadora no pensamento do educador brasileiro Paulo Freire (1996, 1978); além de discussões direcionadas à História das Mulheres da francesa Michelle Perrot (1998, 2001, 2009), à teorização de gênero proposto pela norte-americana Joan Scott (1994, 1995, 2002, 2011). Todas essas questões estão aliadas à experiência de quase vinte anos de profissão na educação básica da rede pública.

Primeiramente, as discussões se deram no campo da teoria da história, com a apropriação de conceitos sobre consciência histórica de Rüsen. Para esse teórico, a formação

de uma consciência histórica é de importância fundamental para que o indivíduo se perceba em um determinado período e possa, então, através dessa consciência, ter uma orientação para a vida prática, sendo capaz de se orientar no tempo e tomar as decisões por si (RÜSEN, 2007).

Para ele:

‘Formação’ é uma categoria didática [...]. A categoria da formação articula as competências com níveis cognitivos e, inversamente, articula as formas e os conteúdos científicos às dimensões de seu uso prático. [...]
 ‘Formação’ significa o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio, que articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento, possibilitando assim o máximo de auto-realização ou de reforço identitário. Trata-se de competências simultaneamente relacionadas ao saber, à práxis à subjetividade [...]. Formação opõe-se criticamente à unilateralidade, à especialização restritiva e ao afastamento da prática e do sujeito. Ela pressupõe a capacidade de apreender os contextos abrangentes – e de refletir sobre eles-, nos quais se formam e aplicam capacidades especiais. A categoria da formação refere-se à vinculação entre saber e agir exigida pela carência de orientação do sujeito agente, pois insere-se na representação do todo que constitui a situação em que o agente deve lidar com seus problemas. Formação leva muito a sério esse direcionamento à carência de orientação. [...] ela coloca à frente a carência do sujeito agente, de fazer-se valer como pessoa, no uso do saber para fins de orientação de sua própria vida prática, de afirmar-se como instância de legitimação dos modos práticos de viver (RÜSEN, 2007, p. 95).

Essas discussões levaram-me à apropriação desses conceitos e ao *entendimento* de como e por que ensinar a disciplina de História. Da minha *função* social como professora, não aquela que transmite conhecimentos, mas que auxilia na formação de uma consciência histórica, onde as/os alunas/os se percebam como agentes históricos ativos e possam, através dessa consciência, transformar a sociedade em que vivem.

Além disso, dentro do pensamento rüseniano, parto do pressuposto de que a consciência histórica é inerente ao ser humano, e que as/os alunas/os já chegam à escola com uma consciência formada através da educação que obtiveram de suas famílias, do que vivenciam no seu cotidiano, do uso das novas tecnologias, etc.. E, esse conhecimento que é trazido para a sala de aula não deve ser *descartado*.

Dentro dessa visão de uma educação para uma formação integral, outro pensador com quem dialoguei foi Paulo Freire⁴. Freire me fez refletir também sobre a minha prática como

⁴ A aproximação das discussões entre Rüsen e Freire é possível. Ver: OLIVEIRA, Thiago Augusto Divardim. Diálogos entre Paulo Freire e Jörn Rüsen: consciência histórica crítico – genética como possibilidade para o Ensino de História. REDUH: *Revista de Educação Histórica*. Número 02/ Dez. 2012 – abr. 2013. Dossiê: Aprendizagem Histórica de Jovens e Crianças. p. 194-210.

uma educadora que pensa em uma prática formadora, pois o meu *papel* de professora, de acordo com ele, está muito além de uma simples transmissão de conhecimentos. Esses conceitos me levaram a uma autocrítica e a uma análise, através de um repensar do meu trabalho. Segundo ele, é necessário que haja um repensar constante de nossa prática para que possamos pensar certo (FREIRE, 1996). Isso me fez refletir sobre a necessidade e a importância de uma formação continuada, que irei debater mais à frente.

Com relação ao aprendizado, sob a perspectiva de Paulo Freire:

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos, da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 1996, p.13).

O aprendizado ocorre em consonância professora/r e aluna/o, os dois, como sujeitos do processo ensino-aprendizagem, em uma *horizontalização*. E não mais a/o docente como detentora/r de todo o conhecimento, em uma *verticalização*. Relacionar a teoria à prática - um dos objetivos do curso de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em História-, faz-se necessário, dado que permite fazermos uma *revisão* de nossos comportamentos e atitudes em sala de aula.

Relacionando isso à disciplina de História, havia a necessidade de compreender o processo de mudanças que ocorreram nas leis relacionadas, mais especificamente, ao ensino de História, investigando sobre que impactos esses teriam no processo ensino-aprendizagem. Isso me levou à leitura e análise de autoras/es que têm como premissa a pesquisa do ensino de História no Brasil. Apesar de citar a disciplina a partir do século XIX, optei por reduzir o tempo de análise de 1960 até a atualidade.

Percebi que essas mudanças estiveram todas relacionadas às transformações que ocorriam na sociedade de cada época. E a disciplina de História, que surgiu no século XIX, apesar das mudanças, favoreceu a manutenção de certos estereótipos sobre as mulheres, além da permanência desses nos livros didáticos. É lícito dizer que o objetivo primordial para a época era a construção de uma identidade nacional, os *grandes* Impérios, feitos e os *grandes* homens.

Autores como: Mário Sérgio Cortella (2005, 2014); Circe Maria Fernandes Bittencourt (2003, 2012); Selva Guimarães Fonseca (1995, 2006); Horn e Germinari (2009); Marcos

Silva (2011) e Kátia Abud (2012) auxiliaram-me nessa análise a qual gostaria de mencionar brevemente.

Primeiramente, a Reforma Universitária, com a Lei nº 5.540/68, que implantou as licenciaturas curtas e levou a um processo de desqualificação das/os profissionais de História. A Reforma de 1º e 2º Graus, com a Lei nº 5.692/71, que *complementa* a anterior e instituiu a capacitação para a mão de obra para o trabalho com a instituição dos cursos técnicos, além de *criar* as disciplinas de EMC- Educação Moral e Cívica; OSPB – Organização Social Política Brasileira. E a condensação das disciplinas de História e Geografia em uma só, a de Estudos Sociais (ABUD, 2012, p.40).⁵

Pude perceber, através da pesquisa dessas/es autoras/es, a tentativa dos governos em desvalorizar as disciplinas não só de História, mas de toda a área de Humanas. Entendo, todavia, que a formação para uma consciência histórica, de uma formação para a cidadania só se completa a partir dessas áreas. Essas questões se confirmam na pesquisa realizada por Mariana Cacilda Almeida de Araújo, *As concepções do Ensino de História e suas implicações na prática docente*, que defende:

As investidas sofridas pelo ensino de História no sentido de desvalorizá-lo, particularmente pós-golpe de 64 e, mais recentemente em governos de diretrizes neoliberais têm estimulado a desqualificação das disciplinas do campo das ciências humanas e do ensino público gratuito (ARAÚJO, 2006, p.52).

Apesar das tentativas dos governos militares em desqualificar essas disciplinas, no final da década de 1970 e começo de 1980, as/os professoras/es de História, e também os de Geografia, através das suas respectivas associações, começaram a se mobilizar frente às reformas educacionais. Nesse período, há um intenso repensar no ensino de História, e, através das pressões desses grupos, há revisões na legislação. Selva Guimarães Fonseca nos indica ainda que:

[...] os anos 80 são marcados por discussões e propostas de mudanças no ensino fundamental de História. Resgatar o papel da História no currículo passa a ser tarefa primordial depois de vários anos em que o livro didático assumiu a forma curricular, tornando-se quase que fonte “exclusiva” e “indispensável” para o processo de ensino-aprendizagem (FONSECA, 1995, p.86).

⁵ As mudanças que ocorreram no processo de ensino não serão debatidas a fundo aqui, pois não é a intenção deste relatório.

Já, na década de 90, vimos desenrolar-se mais um movimento de reformulações curriculares, que se desenvolve em decorrência da nova configuração mundial. Segundo Circe Bittencourt:

O movimento de reformulações curriculares dos anos 90 decorre da nova configuração mundial, que impõe um modelo econômico para submeter todos os países à lógica do mercado. Uma lógica que cria novas formas de dominação e de exclusão, principalmente porque o mundo capitalista não corre grandes riscos após as vicissitudes do socialismo no mundo ocidental. O desenvolvimento depende de articulações com essa “nova ordem mundial” e de submissões a ela, a qual, entre outros valores, tem instituído nova concepção de Estado e determinado maior fortalecimento das empresas privadas e financeiras. Existe, portanto, a lógica da privatização, do lucro e da tecnologia, lógica essa que submete as políticas e procura impor suas metas a todos os países. [...] À sociedade, cabe a difícil tarefa de ser educada para competir e viver de acordo com a lógica do mercado, que exige domínios mais amplos do “conhecimento” (BITTENCOURT, 2009, p. 101).

Em 1996, ocorreu uma nova reformulação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei nº 9.394/96, com ela, as/os professoras/es passaram a ter uma autonomia maior no processo ensino-aprendizagem. Mas compreendo que isso não foi suficiente, ainda não há uma valorização na disciplina de História. E, isso, se comprova, dentre outros fatores, pela quantidade de aulas que são destinadas a ela, somente três no Ensino Fundamental e duas no Ensino Médio. Esse fato suscitou em mim uma pergunta: Nós professoras/es estamos aptas/os para atender todas as demandas existentes em nossa sociedade?

Acredito que a resposta seja mais negativa do que positiva. E isso me levou ao desejo de pensar e de defender um processo de formação continuada. Vejo, após todas as leituras e discussões, a importância das/os professoras/es conhecerem e escolherem uma concepção teórico – metodológica, de estarem *a par* das novas discussões sobre a sua disciplina nas universidades, e, principalmente, colocá-las em prática. Além do que, infelizmente, hoje percebo uma permanência e conservação de concepções e práticas pautadas em tendências pedagógicas tradicionais que colaboram com as desigualdades existentes entre homens e mulheres.

Mas, a prática educacional também me levou a entender e conhecer as dificuldades enfrentadas por nós docentes, dentre elas, a falta de incentivo, principalmente, o financeiro, para continuar um processo de qualificação profissional. Aquela/e professora/r que tem interesse e vontade faz por conta própria e esbarra em diversos problemas: a quantidade excessiva de aulas, diários e papéis para preencher, uma *burocratização* exacerbada, o não consentimento da licença para aprimoramento profissional, dentre outros.

Se o objetivo aqui é o de confeccionar um material didático que pense em novas propostas para o Ensino de História e, mais especificamente, para a História das Mulheres, de que forma resolver essas questões, já que pensar em um novo processo de ensino-aprendizagem requer pensar em um profissional que esteja apta/o para debater diversas indagações? Um profissional que entenda que as nossas práticas educativas interferem diretamente na vida da/o educanda/o. De acordo com Mário Sérgio Cortella: “[...] é preciso pensar uma nova qualidade para uma nova escola, em uma sociedade que começa, paulatinamente a erigir a Educação como um direito objetivo de cidadania” (CORTELLA, 2005, p.13).

Para tanto, acredito que a escola, hoje, necessita de uma parceria com as universidades, para que ocorra essa formação continuada, e, assim, tenhamos alternativas na tentativa de lidar com essas situações. Instigando a ocorrência da formação de uma/m professora/r militante e pesquisadora/r, nisso, Silva e Fonseca sustentam ainda que: “[...]o ser militante é dimensão constitutiva do ser professor” (SILVA e FONSECA, 2011, p.19).

Além disso:

As propostas atuais, dessa forma, exigem um trabalho intenso do professor, uma concepção diferenciada desse profissional, como um trabalhador intelectual que, juntamente com seus alunos, deve pesquisar estudar, organizar e sistematizar materiais didáticos apropriados para as diversas condições escolares (BITTENCOURT, 2009, p.128).

E isso se tornou claro para mim, nas leituras que fiz, não só sobre as mudanças no ensino de História, mas, também, sobre o movimento feminista e a colaboração deste para a História das Mulheres, pois, se a proposta é buscar uma mudança na sociedade, essa deve começar pela escola.

Relacionando, então, as minhas indagações ao que me foi proposto no curso, parti para as leituras sobre o movimento feminista, a história das mulheres e as discussões de gênero e de que forma isso me auxiliaria a elaborar o *Caderno Temático*.

Apesar de ser um movimento que tem como marco de início o século XIX, percebo que as conquistas na sociedade, [entre os séculos XIX e XX] se resumiam em: direito ao voto, a trabalhar, a estudar, a assumir uma profissão. Como afirmam Luís Felipe Miguel e Flávia Birolli: “As primeiras reivindicações dos movimentos de mulheres, nos séculos XVIII e XIX, podem ser entendidas como exigências de acesso a espaços que eram exclusivos dos homens, como a educação ou a política” (MIGUEL e BIROLI, 2014, p. 64).

Essas conquistas se deram entre 1920 e 1940, após essa fase, ocorreu um momento de *silenciamento* do movimento feminista. Já que o que era reivindicado havia sido atendido. Após 1960, há uma retomada do movimento, que partiu para um viés mais social. A luta passou a ser então por uma maior igualdade de direitos, sendo que as mulheres participaram de importantes movimentos do final da década e não eram vistas como iguais dentro deles.

No Brasil, as lutas feministas ganham força com os acontecimentos da década de 1960, segundo Ana Maria Colling, em *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*:

Acompanhando a época de mudanças, marcadas pela radicalização política e cultural, aparece o movimento feminista brasileiro, que dá seus primeiros passos em 1960. Virando o mundo de cabeça para baixo, as mulheres rompem com os padrões estabelecidos, ousando entrar na arena política, espaço masculino por excelência. São as relações de gênero fazendo parte e dando significado às relações de poder (COLLING, 1997, p. 22).

Além disso, a onda do movimento feminista, ocorrida a partir dos anos 60, contribuiu para o surgimento da história das mulheres. Devido às pressões que ocorreram nas universidades, há a instauração de cursos, colóquios e cursos de reflexão dedicados ao estudo delas (SOIHET, 1997, p. 400). As mulheres passam a ser vistas como também objetos da história.

Raquel Soihet nos afirma que:

Hoje é praticamente consensual a recomendação de uma revisão dos recursos metodológicos e a ampliação dos campos de investigação histórica, através do tratamento das esferas em que há maior evidência da participação feminina, abarcando as diversas dimensões da sua experiência histórica. Tais recomendações convergem para a necessidade de se focalizar as relações entre os sexos e a categoria gênero (SOIHET, 1997, p. 403).

Essa mudança nos recursos metodológicos ocorreu. Houve a necessidade de as/os historiadoras/es buscarem de outras fontes e outros métodos de pesquisa para encontrar a história feminina que se encontrava *escondida*.

Mas de que forma eu poderia utilizar isso na confecção do *Caderno Temático*? E, através dele, responder as questões mencionadas acima: Como a produção de um material didático auxiliaria as minhas alunas a se perceberem como sujeitos históricos? Como isso auxiliaria os meus alunos a perceberem e a respeitarem suas colegas como também protagonistas da História?

Percebi que, apesar dessa *nova visão* sobre as mulheres, elas ainda continuam a não serem citadas, ou, quando *aparecem*, mantêm-se uma visão estereotipada do ser feminino. Mantêm-se aquela concepção das mulheres como subalternas aos homens, uma relação de desigualdade de gênero.

Então busquei em minhas pesquisas aquelas mulheres que, de alguma forma, a sua participação na sociedade foi mais explícita. E dentre essas, aquelas sobre as quais já existem pesquisas nas universidades. Entendo que as mulheres de todas as camadas da sociedade participaram ativamente de sua história. A minha intenção não é privilegiar um determinado grupo ou classe social a que elas pertenciam, mas como, em determinados períodos históricos, é muito difícil se perceber a participação feminina - como, por exemplo, na Renascença -, busquei por aquelas que produziram algo em sua época, aquelas que, de alguma forma, *burlaram* as leis e os costumes, que se arriscaram e se destacaram na sociedade.

Dessa forma, acredito que o *Caderno* Temático pode ser utilizado para as discussões relacionadas a gênero. Pois, se falar de mulheres e dos mecanismos de opressão implica também falar de homens, procurei, em meu trabalho, no início de cada tema, destacar de que forma elas eram vistas pela sociedade, e, assim, destacar essas relações. Para tanto, utilizei-me da teorização proposta por Joan Scott, em que: “[...] (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Ela nos afirma ainda, em seu texto *Prefácio a Gender and Politics of History*, que: “gênero é a organização social da diferença sexual” (SCOTT, 1994, p.13). Sendo fruto de uma construção histórico-social, construir um material que se disponha a discutir tais questões é de extrema importância. Além de *visibilizar* e romper com ideias ultrapassadas, que só homens construíram nosso mundo; compreender os diferentes aspectos das culturas e sociedades de diferentes épocas; para incorporar mudanças de comportamentos e que possibilitem a construção de uma sociedade igualitária, não sexista, onde as mulheres são vistas como também um sujeito histórico e parte constituinte desse processo. Enfim, ensinar que mulheres também fazem a História.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este relatório, gostaria de explicar algumas considerações que, ao longo do curso, se cristalizaram. Considerações essas que mudaram profundamente as minhas percepções e, conseqüentemente, o meu agir, não só como professora, mas, principalmente, como ser humano. Essas questões fizeram-me repensar a minha prática como docente da educação básica da disciplina de História. Os meus objetivos, as minhas concepções teórico – metodológicas, e, principalmente, essas afetaram profundamente a forma como percebo a educação como um processo de formação integral e de libertação.

O foco de minha pesquisa foi a História das Mulheres, um assunto, até certo ponto, difícil de ser pesquisado, pois, apesar de toda angústia que sentia, ao constatar a ausência das mulheres nos livros didáticos, a proximidade que tinha com o referido tema era mínima. Entretanto, essas concepções, aos poucos, foram clareando-se com as leituras que fiz, tanto nas disciplinas propostas pelo Mestrado Profissional em História quanto aquelas feitas para a elaboração do trabalho, nas conversas que tive com algumas professoras do curso de pós-graduação e nos eventos e congressos dos quais participei.

Pensar e confeccionar um material didático-pedagógico, enfatizando a presença feminina na História, e as possíveis discussões de gênero que poderão ser levantadas, levou-me a um processo de desconstrução de estereótipos e ideias, o qual ainda está em vigor, e esse está sendo árduo. Ao contrário do que se pensa, desconstruir ideias causa uma dor profunda, leva-nos, com isso, a perceber o quanto a nossa educação é falha, o quanto a nossa sociedade ainda é machista e sexista. Contudo, compreendi ao longo do percurso, quão necessário é se fazer essas desconstruções para que, depois, se possa, então, construir novos olhares acerca de nossa História.

E, como já mencionei, *falar* de mulher não é um tema fácil, apesar dos vários avanços que já ocorreram nas pesquisas com relação a sua história, este ainda é considerado, por alguns, como assunto de *menor importância*. Tenho a plena consciência de que um longo caminho ainda deve ser percorrido, e esse pode ser construído nas escolas.

Nesse sentido, destaco uma das muitas frases atribuídas a Marcel Proust (1871-1922, escritor francês), que mostra um pouquinho do que pretendo com meu trabalho, sendo a seguinte: “A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em buscar novas paisagens, mas novos olhares”.

Como vimos, em diversos momentos da História, as mulheres foram,- e ainda são,- vistas como submissas e subalternas aos homens. Por muito tempo, negou-se, não só às

mulheres, mas, a outros grupos também, o seu espaço e a sua participação na História. Se a busca por novos olhares, para se construir *outra* História, é recente, devemos buscar novas formas de *se ver* essa História. Começando pela desconstrução de certas concepções que ainda persistem, para que, assim, os grupos que tanto foram excluídos, possam *encontrar* o seu lugar na sociedade.

Para que haja uma mudança de comportamentos, precisamos focar em processo de formação continuada, ciente de que:

A construção do perfil de “professor investigador social”, isto é, do docente que procura compreender a progressão conceptual dos seus alunos com lentes próprias da natureza da História e não apenas em termos de quantidade de conteúdos, é crucial para a promoção de uma intervenção sustentada e, por isso, mais bem sucedida (BARCA, 2012, p. 46).

Além disso, dialogamos com os diversas/os autoras/es, como Jörn Rüsen, que defende o ensino de História, dentro da perspectiva da consciência histórica. Para ele:

A consciência histórica será analisada como *fenômeno do mundo vital*, ou seja, como uma forma da consciência humana, que está relacionada imediatamente com a vida humana prática. É este o caso quando se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo (RÜSEN, 2010, p. 56-57).

Ressaltei, então, nas discussões e diálogos que fiz com as/os autores: a concepção e a história do livro didático; a exclusão e o *silenciamento* feminino nesses materiais; o ensino de História; a necessidade de uma formação continuada para as/os professoras/es; o feminismo e as questões de gênero, justificando, assim, a construção do *Caderno Temático: Enfrentando o silenciamento: as mulheres no ensino de História*, além de explicitar na metodologia todo o caminho para efetivar esse processo.

É claro, seria muita pretensão minha, acreditar que somente a proposta da produção, enfatizando a participação feminina na História, de um *simples* material didático, resolverá o problema de anos e anos de ausências, de submissões e visões estereotipadas sobre as mulheres. Mas acredito que é um começo na busca por um novo olhar e um pensar para uma educação libertadora e emancipadora.

Ressaltar a presença feminina, que há tanto tempo foi excluída, mostrando que elas também foram protagonistas da História, é *ressignificar* os seus espaços sociais. É dar importância ao que elas produziram, sentiram e viveram ao longo dos tempos. É torná-las

agentes de seus próprios destinos. É dar condições para que as crianças, meninas e jovens se vejam e se percebam como atuantes nesta sociedade, e que sejam respeitadas por isso. E, poderão, desse modo, *criar* uma cultura de respeito, sem sexismos, sem divisões, sem desigualdades de gênero.

O fato de os livros didáticos terem se tornado o principal material utilizado no ensino brasileiro, não será um obstáculo, desde que haja profissionais imbuídos na tentativa de se fazer uma *nova* história. É lógico, através desse novo olhar.

Dessa maneira, e também através das leituras dos trabalhos que já foram realizados sobre as mulheres, pude perceber o quanto essa temática é importante, e o quão urgente é a discussão desses temas nas escolas. Espero, enfim, contribuir com o Ensino de História e buscar uma alternativa para a promoção da igualdade e a equidade de gênero.

Referências Bibliográficas

- ABUD, Katia. Currículos de História e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária. IN: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 12ª ed.- São Paulo: Contexto, 2012. (Repensando o Ensino)
- ARAÚJO, Mariana Cacilda Almeida de. *As concepções do Ensino de História e sua relação com a prática docente*. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2006/mariana_calcilda_almeida_de_araujo.pdf. Acesso em: 27 abr. 2014.
- AUAD, Daniela. *Feminismo: que história é essa?* – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BAIRRO, Catiane Colaço de. *Livro didático: um olhar nas entrelinhas da sua história*, 2011. Disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/.../Cj5GgE6L.doc. Acesso em: 27 jul. 2015.
- BARCA, Isabel. *Ideias chave para a Educação Histórica: uma busca de (inter) identidades*. Hist. R., Goiânia, v. 17, n. 1, p. 37-51, jan./jun. 2012.
- BENTO, Luiz Carlos. Livro didático e historiografia: um debate acerca do conceito de História produzido pelos livros didáticos, entre 2001 e 2005. *Revista GEPHEGO On-line*. Jussara-GO, ano I, n. 1, jan./jun. 2008. p. 54 – 70. Disponível em: <http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/interfaces/article/viewFile/58/85>. Acesso em: 27 jul. 2015.
- BITTENCOURT, Circe Maria F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*- 3.ed.- São Paulo: Cortez, 2009.
- _____. (org.) *O saber histórico na sala de aula*. 12ª ed.- São Paulo: Contexto, 2012. (Repensando o Ensino)
- BRIGOLLA, Fernanda de Cássia. FERREIRA, Aparecida de Jesus. *A representação do gênero feminino em livros didáticos de Língua Inglesa*. 2014. p. 01 - 12. Disponível em: <http://www.abrapui.org/anais/PosterLingua/4.pdf>. Acesso em: 02 out. 2014.
- BUCO, Sergio Roberto de Souza. GANDRA, Edgar Avila. *Personagens silenciadas: as mulheres nos conteúdos de história da educação básica no Estado do Paraná*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1608-6.pdf>. Acesso em: 14 out. 2015.
- CASAGRANDE, Lindamir Salete. CARVALHO, Marília Gomes de. *Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de matemática*. GT:Gênero, Sexualidade e Educação/ n. 23. 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2066--Int.pdf>. Acesso em: 02 out. 2014.
- CERRI, Luís Fernando. *Ensino de história e consciência histórica*. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

CORTELLA, Mario Sergio. Humanidade, cultura e conhecimento, IN: *A escola e o conhecimento*. 9ª ed., São Paulo, Cortez Editora, 2005.

_____. *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes*. – São Paulo: Cortez, 2014.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FERREIRA, Ângela Ribeiro: *Representações da História das mulheres no Brasil em livros didáticos de História* – Dissertação de Mestrado UEPG – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados*.- 5. ed. – Campinas, SP: Papirus, 2006.

_____. *Caminhos da história ensinada*. 3ª ed., Campinas, S.P.: Papirus, 1995 (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. – 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

_____. *Educação como prática da liberdade*. – 8ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREITAS, Cezar Ricardo de. PELETTI, Amilton Benedito. SOUZA, Adriele Cristina de. Livro Didático e o Ensino de História: professor, mero apêndice do instrumento de trabalho? In: *Anais do 5º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais*, out. 2011. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/amiltonp/livro-didatico-e-o-ensino-de-historia-professor-mero-apndice-do-instrumento-de-trabalho>. Acesso em: 21 ago. 2015.

HORN, Geraldo Balduino. GERMINARI, Geysa Dongley. *O ensino de história e seu currículo: teoria e método*.- 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MATOS, Júlia Silveira. *Os livros didáticos como produtos para o Ensino de História: uma análise do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD*. *História*, Rio Grande, 3 (3): 165-184, 2012. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/hist/article/view/326>. Acesso em: 28 jul. 2015.

MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.

MORAU, Bruno Lima . *A representação das mulheres nos livros didáticos de história do ensino fundamental*. 2013. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?printsec=frontcover&output=reader&id=uRpFBQAAQBAJ&pg=GBS.PT114>. Acesso em: 10 out. 2015.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola*. São Paulo: Moderna; Campinas - Moderna, SP, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 4. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Thiago Augusto Divardim. Diálogos entre Paulo Freire e Jörn Rüsen: consciência histórica crítico – genética como possibilidade para o Ensino de História. *REDUH: Revista de Educação Histórica*, Número 02/ Dez. 2012 – abr. 2013. Dossie: Aprendizagem Histórica de Jovens e Crianças. p. 194-210.

PANIAGO, Maria Lúcia. “*Livro*” Didático: a simplificação e a vulgarização do conhecimento. – São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª. ed., 2001.

_____. *Mulheres públicas*. – São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

_____. Introdução. In: *História da Vida Privada*, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. (org.)- São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 07 – 12.

REFERÊNCIAS CURRICULARES, *Ensino Médio*. Marcos Elias Moreira, Maria do Carmo Ribeiro Abreu (orgs.), 2009. Disponível em:

<http://www.educacao.go.gov.br/documentos/reorientacaocurricular/medio/diretrizes.pdf>.

Acesso em: 12 maio. 2015.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª reimpressão, 2010.

_____. *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul- dez, 1995, pp. 71-99. Disponível em: [https:// archive.org/details/scott_gender](https://archive.org/details/scott_gender). Acesso em: 20 abr. 2015.

_____. *Prefácio a Gender and Politics of History*. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: UNICAMP, v.3, pp. 11-27, 1994. Disponível em: <https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/desacordos-desamores-diferencas-1994-3>. Acesso em: 20 abr. 2015.

_____. *História das Mulheres*. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. BURKE, Peter (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. – Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

SILVA, Gilvan V. Prisioneiras do esquecimento: a representação das mulheres nos livros didáticos de história. *Dimensões*, Niterói: UFES, vol. 23, 2009, pp.45-66. Disponível em: http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/artigos/Dimensoes23_GilvanVenturadaSilva.pdf. Acesso: 30 mar. 2015.

SILVA, Marco Antônio. A Fetichização do Livro Didático no Brasil. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n.3, p. 803 – 821, set/dez. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 28 jul. 2015.

SILVA, Marcos. FONSECA, Selva Guimarães. *Ensinar História no século XXI: Em busca do tempo entendido*. – Campinas, S.P: Papirus, 4ª. ed., 2011. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico)

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. p.398 – 428. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/* - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das mulheres e as representações do feminino*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2008. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000300021&script. Acesso em: 06 maio. 2014.

_____. *O ensino de História e a invisibilidade da mulher*. - 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2100>. Acesso em: 29 ago. 2014.

Referências Sugeridas

ALVES, Branca Moreira. *O que é feminismo?*. – 8ª ed.- São Paulo: Brasiliense, 2003.

BUFFA, Ester. NOSELLA, Paolo. *A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea*.- São Paulo: Cortez,1991.

CANEN, Ana. Universos Culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. *Revista Educação & Sociedade*, ano 22, n. 77, dez. 2001, p.207-227. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n77/7051.pdf>. Acesso em: 05 maio. 2014.

CONFORTIN, Helena. Discurso e gênero: a mulher em foco. *Representações do feminino*. Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.

GANDELMAN, Luciana M. Gênero e ensino: parâmetros curriculares, fundacionalismo biológico e teorias feministas. - in- *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*./Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs) . – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GROSSI, Miriam Pillar Grossi. *Identidade de Gênero e Sexualidade*. Disponível em: www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/identidade_genero_revisado.pdf. · Acesso em: 05 maio. 2014.

HUNT, Lynn. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOSE, Maria de Lourdes. Literácia e Gênero: a mulher no ensino de História. Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em História . *História, Pesquisas e Vivências de Ensino Aprendizagem*, 2014. Disponível em: <http://www.poshistoria.furg.br/images/stories/dissertacoes/tcm-mariadelourdes.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, Eliane de Freitas. SILVEIRA, João Paulo de Paula. Relações de gênero e o livro didático de história: reflexões sobre a produção do saber histórico escolar. In: TEDESCHI, Losandro Antonio (org). *Leituras de gênero e interculturalidade*. – Dourados, MS: UFGD, 2013.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. – 2. ed. – São Paulo: Boitempo, 2008. – (Mundo do Trabalho).

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez/Unesco, 2000.

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres Negras: Protagonismo ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. (orgs.). p. 382 – 409. *Nova História das Mulheres no Brasil*. – São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Vânia Fortes. *Territórios da Formação Docente: o entre-lugares da cultura*. Universidade Federal de Santa Maria. – RS, 2007 (Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado em Educação).

PINSKY, Carla Bassanezi. *Novos temas nas aulas de História*. – 2.ed.- São Paulo, SP. Contexto, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. (orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. – São Paulo: Contexto, 2012.

PINTO, Regina Pahim. *Formação de professor e as questões étnico-raciais*. *Cadernos de Pesquisa*, nº 108, p. 199-231, novembro/1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n108/a09n108.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2014.

Portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. HISTÓRICO DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO. <http://www.fnede.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>. Acesso em: 27-07-2015.

SILVA, Jeferson Rodrigo. Livro didático como documento histórico: possibilidades, questões e limites de abordagens. *Revista de Teoria da História Ano 2*, Número 5, junho/ 2011. p.177 – 197. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: http://www.historia.ufg.br/up/114/o/Artigo_8._SILVA.pdf. Acesso em: 27 jul. 2015.

STUDART, Heloneida. *Mulher objeto de cama e mesa*.- São Paulo: Editora Vozes. 1974.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *História das mulheres e representações do feminino*. – Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

_____. *Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres*. – Dourados MS: UFGD, 2014.

XAVIER, Elódia. *Declínio do Patriarcado: A família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro:Record: Rosa dos Tempos, 1998.

